

## Rotas da fé: Festas Juninas

*Heloisa Ribeiro*

### Resumo

As Rotas da Fé, nesta segunda edição, vem trazendo o convite para caminhar pelo interior do Brasil, iluminando os caminhos com a luz das fogueiras devotas. Provando um pouco do passado no sabor do milho, da mandioca, do coco e do amendoim - dos doces caseiros, das cozinhas da roça. Brincando como crianças, buscando a sorte como as moças "casadoiras", se enfeitando para a festa como os homens sem vaidades, que durante todos os dias, do ano todo, se dedicam à terra. A terra que, nesses momentos de festa, oferece os seus melhores frutos para serem compartilhados em harmonia, entre os homens e os santos, num ritual de devoção que é também parte da identidade brasileira. Convidamos todos a adentrar no arraial e compartilhar as tradições das festas juninas.

 Instituto  
Virtual de  
Turismo  
[www.ivt-rj.net](http://www.ivt-rj.net)



Laboratório de Tecnologia e  
Desenvolvimento Social



## Apresentação

Desde o período colonial, comemora-se em todo o Brasil, durante o mês de junho três dos santos mais populares na nossa cultura: Santo Antônio, São João e São Pedro. No nordeste brasileiro, principalmente, são de especial importância essas festas, levando alguns autores a afirmar que a importância dessas comemorações ultrapassa a do Natal, principal festa cristã, na maioria das cidades do interior. Para algumas populações locais, as festas do mês de junho constituem-se no evento festivo mais importante da região, tanto cultural como politicamente.

As festas de junho mantêm com o cotidiano dessas populações uma relação de intensos preparativos e cuidadosa organização. Carregada de conteúdos simbólicos e afetivos, essas relações acabam por elaborar uma linguagem artística própria que entrecruza o religioso e o profano, a tradição e a inovação. A diversidade dos elementos atrai, encanta e integra participantes, envolvendo ricos e pobres, de distintas procedências, expressando a face da coletividade que se superpõe as diferenças. A cada vez que acontecem, as festas trazem alguma novidade, e assim, de modo lento, muitas vezes imperceptível, vão se modificando, se recompondo, se reinventando. Tomam elementos emprestados daqui e dali, conferem sentido novo a velhos aspectos. A multiplicidade dos meios de expressão permite e facilita que a história, os valores, os conflitos e a dinâmica social dos grupos e regiões que as promovem, estejam em permanente elaboração e diálogo com as demais, fazendo com que as festas se tornem verdadeiros repositório da cultura e da memória social.

A organização das festas não é simplesmente a de um evento, mas sim a culminância de processos culturais que, não raramente, se estendem ao longo do ano. A

produção de uma festa é tarefa complexa e custosa. Há papéis e atribuições definidos e fundamentais, na organização e no plano artístico. Esses papéis correspondem a posições sociais e requerem talentos, vocações e habilidades específicas. Durante a preparação, o círculo das pessoas envolvidas gradativamente se amplia, ganhando contornos próprios e variados. Além de tudo isso, numa festa, seja ela sagrada ou profana, as roupas, adereços, enfeites precisam de cuidadosa confecção. As festas produzem assim seu artesanato característico, têm seus promotores orgânicos e trazem ocultas no seu brilho, muita disciplina e capacidade de organização.

A partir do crescimento de suas festas, as cidades vêm suas bases econômicas e culturais sofrerem grandes mudanças. Nota-se que este desenvolvimento tem um ritmo particular, sustentado por interesses turísticos e econômicos, mas também pelo incentivo da população local, que participa ativamente, introduzindo novos elementos na festa. Pode-se observar que a introdução de novos valores no sistema da festa (estéticos e/ou econômicos) coloca em questão, para alguns, os valores comunitários e mais precisamente, a relação de seus membros com as novas presenças, sejam elas dos turistas, da mídia, das empresas interessadas no consumo que a festa desperta ou outros. Assim, a festa vai se transformando, inclusive no critério de pertencimento que ela mesma proporcionava e que se constituía numa de suas forças principais. As festas que eram das famílias - dos parentes que chegavam, que se uniam ao redor das fogueiras, para compartilhar as comidas típicas e os valores em relevo num contexto local e familiar, da qual a festa retirava o seu sentido - passam, então por um processo de resignificação, que permite a inserção das comunidades locais no contexto nacional da qual se

consideravam distanciadas.

Algumas festas, ou pelo menos partes delas, estão sendo transformadas em espetáculo, tornando-se verdadeiros shows. O resultado da transformação pode sugerir uma perda do sentido, tornando-a apenas um objeto de consumo, quando ela originalmente era uma história que a comunidade contava a si mesma, a história de seus moradores e convidados. No entanto, se observarmos com atenção, poderemos notar que a população não deixa de manter o controle da festa, e participar criativamente de tudo que a envolve. Por outro lado, a festa dos turistas não é a festa dos habitantes, que vêem nela outros sentidos, por dominarem um código que o turista não alcança, por jamais ter vivido ali. No entanto, todos prezam e se orgulham do crescimento de sua festa e da presença cada vez maior de turistas, o que significa a valorização de suas práticas tidas até então como coisas de "caipiras". A festa realiza, desse modo, novas mediações, aproximando os diferentes e estabelecendo códigos novos, compreensíveis para os dois lados.

Assim são as festas juninas - abertas a muitos grupos, a visões diversas do país e de suas tradições, e também ao tempo e às transformações trazidas por ele - que acabam por revelar a extraordinária vitalidade e contemporaneidade da cultura popular brasileira. Não há descrição que reproduza inteiramente as suas cores ou interpretação que substitua ou supere os seus sabores. As festas juninas são para serem vistas e vividas, provadas nos quitutes, embaladas nas danças e aquecidas pelas fogueiras. Rotas da Fé convida seus leitores a se reunir em torno desse fogo, para relembra os velhos sabores que povoam a nossa memória.

### **No calor do fogo e no doce sabor das tradições**

*Se milagres desejais*

*Contra os males e o demônio*

*Recorrei a Santo Antônio*

*E não falhareis jamais.*

O ciclo das festas juninas gira em torno de três datas principais: 13 de junho, festa de Santo Antônio; 24 de junho, São João e 29 de junho, São Pedro. É interessante notar que não apenas o dia dos santos, propriamente dito, mas todo o mês é considerado como tempo consagrado e, principalmente, as vésperas, quando se realizam os sortilégios e simpatias, a parte mágica da festa, típica do catolicismo popular.

Atualmente, apesar do contexto religioso das festas, a maior atração - que faz com que todos se reúnam para comemorar as festas juninas, mesmo os não-católicos - são as fogueiras, batatas-doces e canjica, quadrilhas e simpatias, fogos de artifício e brincadeiras, enfim, toda a alegria que envolve estas festas. Especialmente no nordeste brasileiro, a perspectiva das festas juninas transforma as cidades e o espírito das pessoas, que parecem sentir uma irresistível atração e afinidade com a festa. O mês de junho é um mês do refluxo migratório, e as companhias de transporte rodoviário e aéreo atestam esse fato. Os que não voltam para suas cidades a fim de participar da festa podem encontrar alternativas nas festas juninas realizadas nos grandes centros urbanos, sob iniciativa das Secretarias de Cultura.

O desenvolvimento dos meios de comunicação e a descoberta das festas como produto turístico, fez as grandes festas populares brasileiras ganharem espaço na mídia e, a partir disso, poderem se habilitar a captar recursos do Estado para sua implementação como evento oficial. O crescimento das festas juninas, em especial no nordeste brasileiro, é significativo das

transformações pelas quais a festa tradicional vem passando e do modo como vem se inserindo na modernidade. Essas festas vêm se transformando, se atualizando em função das expectativas dos participantes, demonstrando a grande capacidade adaptativa das tradições, capazes de se reinventarem sempre que necessário e, assim, serem redescobertas não apenas pelas populações locais como modo de identidade, mas também pela mídia, pelo turismo e pelos turistas.

### **Festa junina: de pagã a cristã**

As festas juninas, tais como as conhecemos hoje, estão ligadas à religião católica, por se associarem ao culto dos santos juninos. No entanto, as origens da festa nos remetem a tempos muito antigos, antes do Cristianismo se consolidar na Europa. Naquela época, as festas que ocorriam nesse período do ano comemoravam a deusa Juno - mulher de Júpiter - que fazia parte do panteão dos deuses greco-romanos.

Protetora do casamento, do parto e sobretudo da mulher - em todos os aspectos da vida familiar - Juno, na mitologia romana, era a principal deusa e esposa de Júpiter, seu irmão e marido. Toda mulher tinha a sua "juno", particular ou familiar, a qual levava oferendas e prestava culto. A origem do culto a Juno é apontada como reminiscência dos antigos cultos de fertilidade onde, das mulheres e da terra dependiam a reprodução e a produção agrícola que significavam a continuidade para o grupo. Desde os tempos primitivos, as comunidades humanas desenvolveram técnicas de plantio e cultivo de cereais juntamente com rituais de fertilidade. Nos cultos, celebrava-se a fecundidade da terra e confirmava-se a das mulheres, que se preparavam para novas gestações ao término da colheita. Ao pé da fogo, faziam-se oferendas e pedidos aos deuses, para que espantassem os maus

espíritos, trouxessem boa colheita e muitos filhos.

Originalmente, o ponto alto dos rituais era o solstício de verão - o dia mais longo do ano no Hemisfério Norte - que acontecia no dia 22 ou 23 de junho. Para os povos da Antigüidade, junho era um mês especial, com a chegada do verão e os preparativos para a colheita. Quando o Cristianismo tornou-se a religião oficial do Ocidente - adotado pelo Império Romano no século IV - as principais celebrações pagãs foram sendo incorporadas ao calendário das festas católicas. No século VI, a Igreja Católica reservou o dia 24 de junho para comemorar o nascimento de São João Batista, que, segundo a Bíblia, batizou Jesus Cristo. No século XIII, foram acrescentados São Pedro (dia 29 de junho) e Santo Antônio (dia 13 de junho). Aos poucos, os cristãos foram criando novas versões para os mitos a fim de explicar as práticas anteriores, pagãs - um exemplo é o simbolismo da fogueira. A motivação inicial de reunião da aldeia para celebrar a fertilidade, agradecer aos deuses e pedir proteção contra maus espíritos, foi substituída pela versão católica de que a primeira fogueira acesa nessa data teria sido na cidade de Jerusalém, onde viviam as primas Maria e Isabel. Isabel, no final da gravidez de seu filho João, combinara com Maria enviar um sinal após o parto. Esse sinal seria acender uma fogueira em frente a sua casa. A partir daí, o dia 24 de junho ficaria marcado pelas fogueiras em homenagem ao nascimento de São João.

Para diferenciar, definitivamente, as festas pagãs de Juno da festa católica de João, a Igreja passou a chamá-las "joaninas". Com o tempo, as festas joaninas, realizadas em junho, acabaram sendo mais conhecidas como "juninas".

### **As festas juninas no Brasil.**

As festas juninas acontecem no Brasil, desde o século XVI, trazidas pelos jesuítas. As celebrações se mostravam muito eficazes para atrair a atenção dos indígenas para a mensagem catequizadora dos padres, em especial as festas que conjugavam fogueiras, rezas e alegria. O período das festas juninas coincidia, ainda, com o época do ano em que os índios realizavam seus rituais de fertilidade. Essa coincidência de comemorações fez com que as festas juninas se tornassem, rapidamente, uma das preferidas da população. Além disso, em muitas regiões do Brasil, era a época da seca, quando os rios baixos e o solo seco deviam ser preparados para o próximo plantio. Os roçados do ano anterior ainda continham mandioca, cará, inhame, batata-doce, abóbora e abacaxi. Além do que, era o período da colheita do milho, do feijão e do amendoim. Tanta fartura era considerada uma bênção e devia ser comemorada. A tradição manteve-se até os dias hoje, principalmente nos meios de predominância rural, fazendo das festas juninas um momento de festa civil e agradecimento religioso.

Como o território brasileiro é muito grande, com o passar do tempo as comemorações portuguesas foram agregando variações regionais, apesar de conservarem um núcleo religioso comum de louvor aos santos do mês de junho. Vários novos elementos foram incluídos nas comemorações ao longo dos anos, no entanto, as festas juninas continuam sendo as guardiãs da tradição secular de dançar ao redor do fogo. Atualmente, a celebração da fertilidade é representada pelo casório e pelo banquete que o segue e as oferendas deram lugar às simpatias, adivinhações e pedidos de graças que se fazem aos santos.

As festas juninas são também um retrato das contribuições culturais de cada povo à cultura brasileira. Para fazer uma festa junina, deve-se seguir a recomendação :

*uma receita do modelo português, isto é, festejos em três datas :*

13 de junho, Santo Antônio; 29 de junho, São Pedro, primeiro papa - a "pedra" em que se fundou a Igreja Católica; e 24 de junho, São João Batista, primo de Jesus responsável por seu batismo.

*uma pitada da tradição francesa, com a dança da quadrilha.*

A quadrilha tem seu nome originado do francês - quadrille - e segundo Eugéne Giraudet, é diminutivo de squadra, vocábulo italiano que significa companhia de soldados disposta em quadrado. Este nome foi dado, mais tarde, a um grupo de quatro pares, e de squadra passou para quadrille, constituindo-se numa forma de dança derivada da contredanse française, que por sua vez teve origem na country dance inglesa. Acredita-se que, originalmente a quadrilha tenha tido origem na Inglaterra, por volta dos séculos XIII e XIV, e que a guerra dos Cem Anos entre França e Inglaterra, levou a sua disseminação, despertando o interesse dos nobres, e influenciando as danças praticadas nos palácios. Era uma dança muito popular entre a aristocracia do século XIX, e abria os bailes das cortes e residências aristocráticas. Reencontrada e reinterpretada pelo povo, teve novas figuras e comandos acrescentados, e acabou sendo a única dança executada durante o baile. Composta de cinco partes ou mais, com movimentos vivos, terminava sempre por um galope. A dança da quadrilha chegou ao Brasil no século XIX, segundo alguns autores com as missões artísticas francesas, e fez enorme sucesso no Rio de Janeiro. Posteriormente, foi adotada por diversos compositores nacionais - ganhando um "sotaque" brasileiro - e disseminou-se por todo o país, fazendo com que aparecessem variações regionais. A lembrança da influência francesa se faz presente até hoje,

nas quadrilhas juninas, onde a evolução dos pares se faz guiar por palavras francesas aportuguesadas: "changê" (changer - trocar), "anavam" (en avant - em frente), "anarriê" (en arrière - para trás), "tur" (tour - fazer uma volta), "balancê" (balancer - balançar o corpo).

#### *as fogueiras.*

As fogueiras juninas merecem uma consideração à parte. Segundo os historiadores, as fogueiras eram freqüentes em todo o continente europeu, desde o tempo dos primeiros homens. As fogueiras são acesas nas festas da chegada da primavera e nos festivais por ocasião do verão, para afastar os maus espíritos. Essas festas acompanham as comemorações das colheitas bem sucedidas, com danças religiosas e profanas, realizadas ao ar livre, ao redor delas. Tais festas eram ocasiões de comemorações também de noivados e casamentos, mais abundantes nos anos de boa colheita. A fogueira sempre centralizou a festa. O "festeiro" - aquele que é escolhido para organizar e comandar a festa de qualquer um dos santos de junho - deve escolher um bom "capitão de mastro" e um bom "alferes de bandeira", que organizarão juntos, a fogueira, a implantação do mastro para a bandeira e mandarão confeccionar (onde ainda não existir) a própria bandeira do santo festejado. A tradição de armação das fogueiras determina que a de Santo Antônio seja quadrada, a de São João, redonda e a de São Pedro, triangular.

#### *e para dar sabor, a culinária típica da roça.*

A culinária de uma sociedade é uma das linguagens, através das quais se traduz sua estrutura social. Os tratados culinários refletem o inconsciente da vida cotidiana de uma cultura, ao mesmo tempo que, explicitamente, retratam uma época - cada

povo tem o seu cardápio. Ao lado da linguagem, o processo de alimentação se coloca como um dos mais sofisticados produtos de uma cultura. Do mesmo modo que socialmente o homem recebe regulamentos para a comunicação através de símbolos, ele estabelece normas para sua alimentação - que estabelecem um comportamento alimentar, que em última análise, também é parte integrante da identidade nacional.

A nossa cozinha básica, cotidiana ou de festa, mantém nas tradições alimentares, do plantio, do comércio e do consumo de determinados produtos, o entrelaçamento do Brasil Colonial com o Brasil de hoje, e o do amanhã. Da mesma forma como reflete o verdadeiro mosaico étnico, no qual portugueses, africanos e indígenas misturaram saberes, sabores e paladares para dar o mais perfeito significado a palavra mestiçagem. A culinária brasileira é uma cozinha mestiça, onde é possível perceber o grau de enraizamento das influências na impossibilidade de obtenção dos mesmos aromas e sabores pelo isolamento ou reconstrução dos pratos segundo práticas puristas. A mesa brasileira é hoje uma deliciosa composição das tradições indígenas, com as iguarias africanas e a suculência portuguesa.

Tudo isso originado na adaptação que os portugueses tiveram que fazer quando aqui chegaram. Seus hábitos alimentares modificaram-se pois nem tudo que se plantava na Europa podia ser cultivado no Brasil. Uma das plantas européias que não se adaptou ao solo brasileiro foi o trigo; a mandioca tornou-se, então, o seu substituto na culinária. E foram os indígenas que apontaram as novas possibilidades alimentares. Por outro lado, foram os portugueses que temperaram com sal, canela, alecrim, erva-doce e cravo-da-índia essas novas opções.

Vale lembrar Gilberto Freyre, em Manifesto Regionalista, quando salienta a relação entre a culinária e a cultura de um povo, que pode ser considerada mais preservada conforme sua cozinha se mantenha mais próxima de suas raízes. Para o autor, quando a culinária de um povo se descaracteriza é sinal que toda a cultura está se modificando. E as mudanças nos hábitos alimentares seriam uma das primeiras evidências dessa descaracterização cultural, e não a sua causa.

Hoje fala-se na globalização do paladar, que faz com que velhas receitas sejam revistas e atualizadas, impondo transformações para "enriquecê-las" ou "adaptá-las" ao modo de vida atual. O global engajando o local em sua própria estrutura. Mas a nossa festa junina é, de certo modo, uma resistência a esse processo - preservando a tradição, propicia a recuperação, e conseqüente transmissão, de um dos mais significativos meios de expressão da identidade brasileira - a cozinha mestiça da roça.

Pensando nisso, Rotas da Fé vai dar uma "mãozinha" nessa resistência e repassar algumas receitas tradicionais que recolhemos nas andanças dos caminhos:

As festas juninas são as principais festas populares brasileiras depois do Carnaval - nossas típicas "festas do interior". No mês de junho, o interior do país se converte em um enorme arraial. É uma festa santa à moda brasileira: não se precisa ir à igreja. A devoção aos santos é externada ao redor da fogueira e da mesa farta, compartilhada pela família e os amigos. É a vigília que milhões de brasileiros religiosamente realizam, guardando a seu modo esse dia santificado. A alegria não escolhe classe, invade o coração de todos que se reúnem ao redor da fogueira, no pátio enfeitado por bandeirolas de papel multicolorido, para dançar ao som das violas e sanfonas, com suas melhores

roupas.

Nessas ocasiões, o caipira veste seu melhor paletó, com flor na lapela, e a botina de passeio - aquela que aperta o dedão, acostumado ao chinelo. As mulheres põem flores nos cabelos, laços de fita nas roupas e "carmim" na face. É dia de música, dança e mesa farta, tudo de que se precisa para que a festa não acabe antes do amanhecer. Ainda que as festas juninas tenham ajudado a criar uma imagem estereotipada do homem do campo, questionada por muitos - um sujeito que fala errado, com dentes sujos e calças nas canelas, cheia de remendos - uma coisa é certa: elas preservaram de alguma forma todo o simbolismo dos folguedos anteriores à Era Cristã.

As festas juninas ocupam importante espaço no imaginário do brasileiro, mas em alguns lugares do país, principalmente nos grandes centros urbanos, já não há mais espaços para fogueiras, quadrilhas ou comemorações. Nos espaços organizados e limitados das metrópoles, os arraiais quando existem, perderam suas características básicas. As canções juninas estão sendo substituídas pelas músicas sertanejas, pagodes e até pela música tecno, para atrair o público mais jovem. A quadrilha vem sendo substituída por outras danças. Alguns historiadores acreditam que a festividade junina começou a perder força com o fim do ciclo do café, com o esvaziamento dos espaços rurais, com a migração para os centros urbanos, onde as manifestações das festas tradicionais não alcançam a mesma ressonância. Outros já culpam a mídia, como influenciadora de costumes.

As grandes cidades vão deixando de lado o caráter folclórico das festas juninas, mas no interior a tradição ainda sobrevive. O Brasil tem um grande acervo de tradições populares, muito ricas, que devem ser conhecidas para compor a identidade de

seu povo. Através das manifestações folclóricas, mantém-se viva as tradições e costumes de um povo, preservando assim sua identidade para as gerações futuras. E manter viva essa chama é resgatar práticas que foram se perdendo, conhecimentos que foram sendo diluídos e realocá-los no tempo e no espaço, numa nova forma de convivência, para que adquiram novas cores.

### Quem são os santos juninos ?

Você já ouviu falar de Fernando de Bulhões e Taveira de Azevedo? Não? Mas Santo Antônio você conhece!

**Santo Antônio** nasceu em Lisboa, por volta do ano de 1195. Em 1210, pediu ingresso no Mosteiro de São Vicente de Fora, dos Cônegos Regulares de Santo Agostinho. Em 1220, transferiu-se para a Ordem dos Frades Menores, com o nome de Antônio (Santo Antão, em latim Antonius, padroeiro do convento dos frades de Coimbra, onde ingressou), influenciado pelo trabalho que São Francisco de Assis - eram contemporâneos - vinha desenvolvendo nessa ordem. Em 1222, foi ordenado sacerdote, se revelando um grande pregador contra as injustiças e as desordens sociais, a exploração dos pobres e a má vida de certos setores do clero. Sua fama de pregador e milagroso era tanta que, dez meses após sua morte - que segundo o Livro dos Milagres ocorreu no dia 13 de junho, em Pádua, de problemas decorrentes de asma e diabetes, quando contava 36 anos de idade - foi canonizado e recebeu o título de Doutor da Igreja. Sua sepultura, na Basílica de seu nome, em Pádua, é um centro de peregrinações.

A imagem de Santo Antônio, que Portugal transpôs para o Brasil, é a do protetor dos pobres e necessitados, daquele que socorre as vítimas de injustiças e está sempre ao lado dos mais humildes. Mas há também

um lado guerreiro do santo, que tornava e evocação do seu nome, arma contra os perigos do combate. No Brasil, seu papel de militar foi importante também, dadas as inúmeras guerras e revoltas durante as quais era invocado. E tanto fez ao lado das forças armadas brasileiras que recebeu patente e mesmo soldo, em várias companhias do exército brasileiro. Recebeu ainda, por esta razão, o apoio dos militares com dinheiro e prestígio, às suas igrejas, obras e festas. É incontável o número de homenagens a Santo Antônio como igrejas construídas em seu louvor, nomes de ruas, praças, pessoas etc., na história e geografia brasileiras. A sua devoção chegou juntamente com os Franciscanos e trazia duas formas de invocação: para uns era Santo Antônio de Lisboa, em referência ao local onde nasceu; para outros era Santo Antônio de Pádua, referindo-se ao lugar onde morreu e foi sepultado. No entanto, ficou mais conhecido como santo casamenteiro, porque diz a lenda - que envolve partes de sua vida - que, quando ainda era um estudante no mosteiro em Portugal, protegia as moças pobres que não tinham dinheiro para o dote. Saía à rua pedindo esmolas, que eram dadas às famílias dessas moças e se convertiam no dote, que lhes garantiria o casamento.

Segundo Gilberto Freire, a escassez de portugueses na colônia, sublinhou o valor do casamento ou mesmo da procriação (com ou sem o casamento), o que tornou populares os santos padroeiros do amor, da fertilidade e das uniões. Assim, os grandes santos nacionais tornaram-se, à época, aqueles aos quais a imaginação popular atribuía milagrosa intervenção capaz de aproximar os sexos, fecundar mulheres, proteger a maternidade, como Santo Antônio, São João e São Pedro. A crença de que Santo Antônio se "devidamente" invocado, perturbado com pedidos de todo tipo e até mesmo "torturado", arranja

casamento, mesmo para a mais sem graça das moças, é muito difundida e é a qualidade mais prezada do santo durante as festas juninas. São João também já teve estas funções, e também São Gonçalo (que continua sendo invocado com esta finalidade, no interior do Brasil, principalmente por mulheres mais velhas, solteiras ou viúvas).

**São João**, segundo a Bíblia, era filho de Zacarias e Isabel, e foi quem batizou Jesus Cristo, com as águas do rio Jordão. Daí vem o nome Batista, o "batizador". A história bíblica descreve Isabel, sua mãe, como prima de Maria, a mãe de Jesus. Segundo os Evangelhos, foi João Batista quem anunciou Jesus Cristo como o Messias. Em suas pregações costumava criticar o rei Herodes Antipas por ter se casado com a mulher - Herodíades - do próprio irmão. Como o profeta era um líder religioso muito venerado pelo povo, o rei temia executá-lo; resolvendo, então, prendê-lo, pois essa era uma forma de mantê-lo calado. Herodíades, no entanto, desejava livrar-se definitivamente dele. Um dia, durante um banquete no palácio, a filha de Herodíades - Salomé - dançou para o rei e o encantou, levando-o a prometer-lhe qualquer coisa que pedisse. Herodíades convenceu a filha a pedir a cabeça de João Batista. Embora contrariado, Herodes cumpriu sua promessa e mandou decapitar o profeta, entregando sua cabeça a Salomé, em uma bandeja.

João Batista foi o profeta que anunciou a chegada eminente de um novo reino, renovando a promessa feita por Deus aos patriarcas do Antigo Testamento. Foi com ele que a missão profética, desenvolvida através de oração e penitência no deserto, atingiu sua plenitude para chamar os homens à conversão. Por sua austeridade e fidelidade cristã, ele é considerado como o último dos profetas e o primeiro dos apóstolos, formado na escola do rio Jordão. Ele cumpriu plenamente sua vocação profética e,

através de um gesto de carinho, o próprio Cristo demonstrou o seu agradecimento, deixando-se batizar por João.

São João é o santo mais festejado no Brasil, principalmente no nordeste, onde acontecem várias festas em sua homenagem. Além de também possuir fama de santo casamenteiro é tido como tendo o poder de encontrar objetos perdidos; além de ser o protetor dos casados e enfermos, no que se refere a dor de cabeça e de garganta. São João é festejado com os símbolos que evocam o seu nascimento : fogueira, mastro, fogos, capelinha, palha e manjeriço.

**São Pedro**, ainda segundo a Bíblia, originalmente chama-se Simão, era natural da Galiléia, das margens do mar de Tiberíades, filho de Jonas e pescador de profissão - sócio de uma pequena frota de barcos pesqueiros. Durante um período de baixa estação de pesca encontrou Jesus, que viu nele um homem autoritário, impulsivo, entusiasmado, franco, bondoso e extremamente generoso. Jesus, então, elegeu-o um de seus escolhidos e o rebatizou de Cefas (pedra, em aramaico) - Pedro - em função de sua firme liderança. A partir desse dia, Simão não seria mais pescador de peixes, mas sim de novos homens, aquele a quem Jesus teria entregue o seu rebanho e a missão de liderar a sua igreja. É considerado o primeiro papa da Igreja Católica, guardião das chaves do céu e responsável pelas chuvas. Foi executado por ordem do imperador Nero, entre os anos 64 e 67 da era cristã; tendo sido crucificado, conta a lenda, que pediu para o ser de cabeça para baixo, a fim de não se assemelhar, na morte, à Jesus.

O dia 29 de junho, dia dedicado a São Pedro - antigo dia da festa de Rômulo e Remo, considerados pais de Roma - marca o encerramento das comemorações juninas. Neste dia se dá o roubo do mastro que será

devolvido no final de semana mais próximo, para garantir a extensão das comemorações juninas por mais alguns dias.

### **Tradições e Costumes Juninos**

Para maior alegria das festas juninas, não podem faltar os jogos e as brincadeiras jocosas, para temperar o ambiente. Brincadeiras como o pau de sebo, a pescaria, a corrida da porca untada, o quebra pote. Os folguedos revelam a cultura popular como um todo integrado, inseparável da vida cotidiana. São o objeto em ação, aberto e contraditório, ligado ao passado e continuamente adaptado ao presente; um caminho privilegiado para captar a originalidade do processo de formação da cultura brasileira e seu movimento. A abrangência e abertura dessa formulação mantém a sua atualidade, uma vez que a cultura não é só formada por comportamentos concretos, mas sim por significados permanentemente atribuídos pelos homens às coisas. São fatos e processos que atravessam as fronteiras entre as chamadas culturas popular e erudita, e mesmo os limites entre as diferentes camadas sociais. Um objeto ou, no nosso caso, uma festa, seus costumes e tradições, é sempre um veículo de expressão de relações humanas, de valores e visões de mundo.

As "sortes" tiradas pelas moças, as promessas, as simpatias, o ritual do "fechamento do corpo" dos homens contra os perigos e doenças, o banho na imagem do santo, tudo isso compõe o imaginário do controle sobre o tempo e suas intempéries, do corpo e suas mazelas, ao mesmo tempo que põe à prova a fé, a esperança e a força do homem, amparado pela devoção, para superar qualquer obstáculo. Uma visão de mundo onde as relações ainda são diretas, sejam elas entre homens ou entre estes e os santos. Um mundo onde valem as palavras nas promessas, onde a possibilidade da

saúde ou da cura pode estar numa brasa da fogueira ou num ramo de alecrim, e a promessa de felicidade pode estar num dente de alho que brotou. Relações complexas que se harmonizam em práticas simples. Relações de felicidade entre homens, santos e a natureza, que a vida urbana muitas vezes embotoa.

E para reavivar essas relações, que tal algumas "sortes" para o próximo período? Nos dias de 13, 24, 29 de junho, ou na passagem do respectivo dia anterior para esses dias (o instante mágico é a meia-noite) se podem tirar "sortes" dos santos, ligadas ao amor, à profissão, ao destino e a outros assuntos. Algumas dessas "sortes":

#### *Sorte de namoro*

Plantar um dente de alho com o nome do(a) pretendente escrito num papel e enrolado em volta. Enterrar metade do dente do alho, junto com o papel. No dia seguinte, se o dente estiver brotando é que vai dar casamento. Se não brotar no dia seguinte, esperar mais alguns dias, até que um deles brote. Se nenhum brotar, ou não havia o nome do(a) eleito(a) ali ou a pessoa não casará no próximo ano.

#### *Sorte do copo com clara*

Pegar um copo virgem com água e quebrar ali uma clara de ovo. Não pode olhar na hora, deve-se cobrir o copo com um pano branco. No outro dia, deverá aparecer desenhada na clara a imagem mais forte do seu futuro imediato. Pode ser um navio, um véu de noiva, um livro, as imagens podem ser múltiplas e devem ser cuidadosamente interpretadas, de preferência por uma mulher mais velha.

#### *Amarrar as pontas do lençol*

Escreve-se o nome de três pessoas amadas, em três pedaços de papel. Coloca-

se cada pedacinho de papel (com um nome escrito) numa ponta do lençol e se dá um nó. Vira-se o lençol várias vezes, arruma-se a cama, e vai-se dormir. Na manhã seguinte, se escolhe uma ponta e se desata o nó: o nome no papel será o da pessoa mais indicada para o casamento, e se tiver sido desfeito o nó sem papel é porque não vai haver casamento.

De qualquer forma, não custa nada dar um reforço nas "sortes" e rezar a Santo Antônio, para acompanhar os pedidos e realizar os desejos.

*Responsório de Santo Antônio*

*Se milagres desejais*

*Contra os males e o demônio*

*Recorrei a Santo Antônio*

*E não falhareis jamais.*

*Pela sua intercessão*

*Foge a peste, o erro e a morte,*

*Quem é fraco fica forte*

*Mesmo o enfermo fica são.*

*Rompem-se as mais vis prisões,*

*Recupera-se o perdido,*

*Cede o mar embravecido,*

*No maior dos furacões.*

*Penas mil e humanos ais,*

*Se moderam, se retiram;*

*Isto digam os que viram,*

*Os paduanos e outros mais.*

*Rogai por nós Santo Antônio,*

*Para que sejamos dignos*

*das promessas de Cristo.*

Para conferir de perto o que foi apresentado aqui, Rotas da Fé sugere quatro roteiros garantidos pela mais pura tradição do nordeste do Brasil:

**Campina Grande** - A Prefeitura de Campina Grande, a iniciativa privada e o povo são os responsáveis por essa festa. São 30 dias de comemorações, onde se calcula um público rotativo de 1 milhão turistas. Além das danças e comidas típicas, a cidade faz questão de preservar o aspecto religioso da festa: no dia de Santo Antônio são realizados centenas de casamentos gratuitos no Parque do Povo, com o apoio da Prefeitura e da Igreja. Além disso, ocorrem novenas, missas e outras atividades religiosas por várias partes da cidade.

Mais informações:

<http://www.ibpinet.net/helder/paraiba/campina>

**Petrolina** - Cravada no sertão pernambucano, Petrolina tem um dos melhores festejos juninos do interior do Estado. A Jecana, no distrito de Capim a 30 km de Petrolina, abre o ciclo junino na região com um evento inusitado: corrida de jumentos. No São João, Petrolina vira um grande arraiaá, no Parque Josepha Coelho.

Mais informações:

<http://www.petrolina.pe.gov.br/>

**Natal** - Vários arraiaás se espalham pela cidade de Natal no mês de junho. São grandes bailes populares - os "arrasta-pés" de rua - e o Festival de Quadrilhas Juninas. Alguns eventos são tradicionais - como o Arraiá do Pio e Arraiá da Véia Chica - e garantem a qualidade do "rala-bucho".

Mais informações:

<http://www.turismorn.com.br/>

**Caruaru** - A maior festa junina do estado de Pernambuco conta com uma rua totalmente preparada para as comemorações, que acontecem durante todo o mês de junho. São casinhas matutas - feitas de barro - locais para dançar, comércio de comidas típicas e ainda a "maior fogueira do mundo", segundo o povo do local, no Largo do Convento. Outro detalhe que a

população faz questão de destacar, é que a madeira queimada na fogueira não provem de desmatamentos, ela é resultante do acúmulo da poda das árvores da cidade, acumulada durante o ano. Há ainda espetáculos de queima de fogos, reunindo "fogueteiros" da região e convidados de outras localidades do país.

Mais informações:

<http://www.caruaru.com.br/>

Depois disso, só nos resta desejar boa sorte e boa viagem !